

Fabiano Eloy Atilio Batista  
(Organizador)

A arte

e a

cultura

e a

formação humana

2

 **Atena**  
Editora

Ano 2022

Fabiano Eloy Atílio Batista  
(Organizador)

A arte

e a

cultura

e a

formação humana

2

 **Atena**  
Editora  
Ano 2022

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



## A arte e a cultura e a formação humana 2

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Fabiano Eloy Atílio Batista

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A786 A arte e a cultura e a formação humana 2 / Organizador  
Fabiano Eloy Atílio Batista. – Ponta Grossa - PR: Atena,  
2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0171-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.711221104>

1. Arte. 2. Cultura. 3. Formação humana. I. Batista,  
Fabiano Eloy Atílio (Organizador). II. Título.

CDD 701

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

“A arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo” (FISCHER, 1987, p. 20)<sup>1</sup>.

Estimados leitores e leitoras;

É com enorme satisfação que apresentamos a vocês a coletânea **“A arte e a cultura e a formação humana”**, dividida em dois volumes, e que recebeu artigos nacionais e internacionais de autores e autoras de grande importância e renome nos estudos das Artes e das Culturas.

As discussões propostas ao longo dos 30 capítulos, que compõem esses dois volumes, estão distribuídas nas mais diversas abordagens no que tange aos aspectos ligados à Arte, à Cultura e à Diversidade Cultural, bem como discussões que fomentem a compreensão de aspectos ligados à sociedade e à formação humana.

Assim, a coletânea **“A arte e a cultura e a formação humana”** busca trazer uma interlocução atual, interdisciplinar, crítica e com alto rigor científico, a partir das seguintes temáticas: artes, música, cultura, sociedade, identidade, educação, narrativas e discursividades, dentre outras.

Os textos aqui reunidos entendem a “[...] arte como produto do embate homem/mundo, [considerando] que ela é vida. Por meio dela o homem interpreta sua própria natureza, construindo formas ao mesmo tempo em que se descobre, inventa, figura e conhece (BUORO, 2000, P. 25)<sup>2</sup>.”

Nesse sentido, podemos lançar diversos olhares a partir de diferentes ângulos que expandem nosso pensamento crítico sobre o mundo e nossa relação com ele. As reflexões postas ao longo desses dois volumes oportunizam uma reflexão de novas formas de pensar e agir sobre o local e global, reconhecendo, por finalidade, a diversidade e a compreensão da mesma como um elemento de desconstrução das diversas desigualdades.

A coletânea **“A arte e a cultura e a formação humana”**, então, busca, em tempos de grande diversidade cultural, social e política, se configurar como uma bússola norteadora para as discussões acadêmicas nos campos das Artes e da Cultura.

Por fim, esperamos que os textos aqui expostos possam ampliar de forma positiva e crítica os olhares e as reflexões de todos os leitores e leitoras, favorecendo o surgimento de novas pesquisas e olhares sobre o universo das artes e da cultura para formação humana.

A todos e todas, esperamos que gostem e que tenham uma agradável leitura!

Fabiano Eloy Atilio Batista

---

1 FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

2 BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção**: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 2000.



## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

AS NARRATIVAS DA BÍBLIA HEBRAICA E OS ROTEIROS CINEMATOGRAFICOS:  
CONVERGÊNCIAS LITERÁRIO-METODOLÓGICAS

Petterson Brey


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7112211041>

### **CAPÍTULO 2..... 13**

CONCERTO ONLINE DE PIANO: HOMENAGEM A EDMUNDO VILLANI-CÔRTEZ

Alfeu Rodrigues de Araujo Filho

Andressa Rodrigues Gomes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7112211042>

### **CAPÍTULO 3..... 17**


ARCHIVOS HISTÓRICOS DOCUMENTALES; PATRIMONIO Y COMPETENCIA DEL  
ÁMBITO ACADÉMICO UNIVERSITARIO

Miguel Ángel Cuevas Olascoaga

Jaime García Mendoza

Norma Angélica Juárez Salomo


Gerardo Gama Hernández

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7112211043>

### **CAPÍTULO 4..... 26**

DANY LAFERREIÈRE UM PAÍS SEM CHAPÉU: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO  
AUTOR, POR NARRATIVAS CULTURAIS, RELIGIOSAS E O VODU


Olguimar Angelica Cruz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7112211044>

### **CAPÍTULO 5..... 33**

DEL MONOCROMO AL BODEGÓN. LA NATURALEZA MUERTA DE LA IMAGEN  
CONTEMPORÁNEA


Gonzalo José Rey Villaronga

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7112211045>

### **CAPÍTULO 6..... 39**

EDUARDO MATOS Y *OS INTRUSOS*. ARQUEOLOGÍA, MEMORIA Y RECONSTRUCCIÓN  
DESDE EL IMAGINARIO

Gonzalo José Rey Villaronga


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7112211046>

### **CAPÍTULO 7..... 45**

EU FEZ E ELA FIZ: UM ESTUDO SOBRE A DÊIXIS DE PESSOA NO PORTUGUÊS DE  
SIRICARI-PA

Walkíria Neiva Praça


Cristiane Torido Serra

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7112211047>

**CAPÍTULO 8..... 61**

MENSAGENS DE LIBERDADE NA LITERATURA DURANTE A DITADURA MILITAR (1964-1985): O CASO DE “A BOLSA AMARELA”, DE LYGIA BOJUNGA

Walace Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7112211048>

**CAPÍTULO 9..... 71**

MULHERES NA MÚSICA DA AMAZÔNIA: PROJETO INSTITUCIONAL DE CONSERVAÇÃO E DIFUSÃO DE CANÇÕES DE AUTORIA FEMININA NO PARÁ, DA BELLE ÉPOQUE ATÉ A PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Dione Colares de Souza

Leonardo José Araujo Coelho de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7112211049>

**CAPÍTULO 10..... 82**

O TEXTO LITERÁRIO NO LIVRO DIDÁTICO: UMA RELAÇÃO DE MANOBRAS

Jussara Figueiredo Gomes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.71122110410>

**CAPÍTULO 11..... 91**

OS EXCESSOS NO DIAGNÓTICO PARA TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO COM HIPERATIVIDADE COMO NOVO DESAFIO NA TUTELA DA PERSONALIDADE

Rodrigo Salim Melo Cavalcante Forte


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.71122110411>

**CAPÍTULO 12..... 105**

PRODUÇÕES CIENTÍFICAS SOBRE A FLAUTA DOCE: UMA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Lucas Nascimento Braga Silva


Cristina Rolim Wolffenbüttel

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.71122110412>

**CAPÍTULO 13..... 116**

RACHEL DE QUEIROZ: UMA ESCRITORA ALÉM DE SEU TEMPO

Lídia Carla Holanda Alcantara


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.71122110413>

**CAPÍTULO 14..... 123**

RACIAL AND TEXTUAL TRANSLATION IN THE NOVEL *IO, VENDITORE DI ELEFANTI*, BY PAP KHOUMA: *SIGNIFYIN(G)*, ESHU AND IDENTITY MOBILITY IN BLACK FICTION

José Endoença Martins

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.71122110414>

<b>CAPÍTULO 15.....</b>	<b>139</b>
ALIMENTAÇÃO, CULTURA E IDENTIDADE	
Véronique Durand	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.71122110415">https://doi.org/10.22533/at.ed.71122110415</a>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR.....</b>	<b>154</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>155</b>

# CAPÍTULO 5

## DEL MONOCROMO AL BODEGÓN. LA NATURALEZA MUERTA DE LA IMAGEN CONTEMPORÁNEA

Data de aceite: 01/04/2022

Data de submissão: 07/02/2022

**Gonzalo José Rey Villaronga**

Universidad de Vigo. Facultad de Bellas Artes  
Pontevedra, España

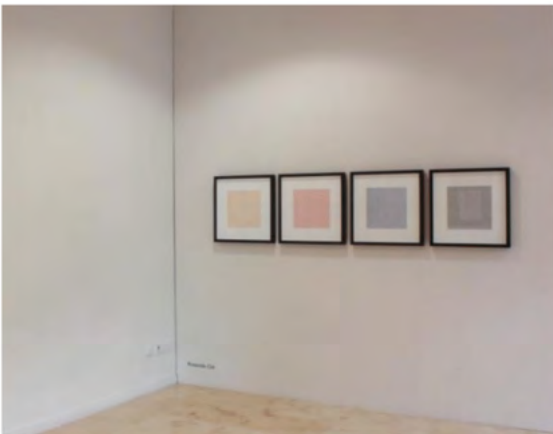
**RESUMEN:** análisis de la obra “Pintura monocromo\_bodegón” del artista Rosendo Cid perteneciente a la serie “Pinturas Monocromas”, para atestiguar cierto paralelismo entre la representación de la imagen contemporánea y la idea de naturaleza muerta presente en el concepto de la pintura de bodegón. Esta

interpretación forma parte de un trabajo más extenso en el que se investigó sobre las prácticas antivisuales en la contemporaneidad.

**PALABRAS CLAVE:** Monocromo, bodegón, negación.

**ABSTRACT:** Analysis of the work “Monochrome painting\_ still life” Rosendo Cid artist belonging to the “Monochrome Paintings” series, to witness some parallels between the representation of contemporary image and the idea of still life present in the concept of still life painting . This interpretation is part of a more extensive work in which contemporary anti-visual practices were investigated.

**KEYWORDS:** Monochrome, still life , denial.



Aunque primeramente titulado *Bodegón con patatas*, resulta más exacto titularlo *Bodegón con cantos rodados*. La obra es un óleo sobre lienzo, sin firma y sin fecha con unas medidas aproximadas de 46 x 74 cm. Hoy perdida y olvidada por la historia del arte, no existe imagen que permita estudio alguno y solamente unos pocos documentos parciales atestiguan su realidad. Tampoco podemos probar que no fuese una falsificación, o en todo caso, una extravagancia de la época producida a través de un peculiar encargo realizado por algún religioso poco común que buscaba una espiritualidad superior por medio de lo trivial, un franciscano tal vez, o simplemente *por mor* de un acudalado caprichoso.

Los escasos datos que poseemos señalan que la pintura pudo pertenecer a la Casa de Medina Sidonia y que en un momento indeterminado fue adquirida, más por curiosidad que por gusto, por Felipe IV. La pista se le perdió completamente en la época del traslado de obras del Museo del Prado durante la Guerra Civil, aunque no está claro si fue debido directamente a tal suceso o simplemente al periodo convulso y hostil que sufrió el país.

Aclaremos antes de nada que la confusión de suponerlas o designarlas primeramente como patatas, debemos atribuirla quizás a la excepcionalidad que supondría encajar una pintura de unos simples cantos rodados como un bodegón de la época, fuera de cualquier categoría pictórica al uso. Bien es cierto que, en uno de los bodegones paradigmáticos al que siempre se recurre, la ausencia de tiempo es la nota fundamental. Recordemos dicha obra, firmada por Francisco de Zurbarán. Una simple composición con cuatro objetos de una vajilla tradicional y la luz como únicos protagonistas que aportan un misticismo, diríamos que rústico. También es posible que fuera desestimado como

Figura 1. Fotografía de la serie Cuatro Monocromos. de Rosendo Cid, 2015. Texto sobre papel. 50x50 cm cada uno de los monocromos.

Figura 2. Texto de la obra: *Pintura monocroma\_bodegón* de Rosendo Cid, 2015.

## INTRODUCCIÓN

Este artículo y su reflexión formaron parte de una investigación más amplia orientada a la obtención de la tesis doctoral titulada *Estrategias del arte frente a la dividualización*, donde se analizaban aquellas estrategias que niegan la representación en el arte contemporáneo, y en este sentido, la obra que aquí se analiza, podría corresponderse con una cierta forma de desdoblamiento de la imagen. Rosendo Cid (España, 1974), es un artista que se mueve entre el surrealismo y el dadaísmo en un juego constante entre el objeto y la imagen encontrada. Reflexiona desde el objeto, desde el pensar y el hacer y desde la práctica de un estudio consciente que en ocasiones lo lleva a interpretar y compartir en forma de crítica su interpretación de la práctica artística. La obra que aquí nos ocupa forma parte de una serie de cuatro monocromos que en forma de texto juega con la palabra y la pintura para interpretar cuatro categorías pictóricas: el bodegón, el retrato, el paisaje y el monocromo.

Su obra se realiza a través de objetos encontrados con los que produce soluciones ingeniosas en las que no interviene el azar, es un juego con lo cotidiano muchas veces trasladado por medio de trabajos fotográficos con los que construye series. Se mueve entre la reflexión y lo anecdótico, jugando con los objetos hasta que adquieren un nuevo significado. Sin perjuicio en el uso de materiales apila y fotografía en un juego de producción que busca nuevas posibilidades para despertarnos de la monotonía. En la Fundación Granell presentó una serie de trabajos fotográficos que vienen desde el 2010, fotografías y objetos que hablan del instante, de la necesidad de capturar el hacer del momento a través de artilugios inútiles con los que nos saca la sonrisa. Quizá todo encuentre su sentido en aquel proyecto específico realizado para el CGAC en el 2014. La propuesta que llevaba por título *L'esprit de l'escalier (El ingenio de la escalera) comisariada por Christina Ferreira*, se articulaba en torno a dos ideas literarias: la expresión francesa *l'esprit de l'escalier* como un acto de encontrar una respuesta ingeniosa de la que en ocasiones nos arrepentimos. Y el *Odradek* de Franz Kafka como objeto-ser sin más utilidad que la de su propio existir. Pueden ser éstos los objetos de Cid, errantes y sin espacio propio a los que él les dota a través de cierta poética un nuevo sentido. Otras de sus series llevaban el título de *Esculturas de andar por casa* y *Esculturas de un minuto* donde combina objetos reconocibles y cotidianos concretándolos también a través del medio fotográfico y donde ya aquí hay un juego dimensional que le permite tergiversar los objetos. Y “*365 maneras de estar en el mundo*” un proyecto de dibujos a lo largo de un año que llevó a la galería Extéril en Porto en el 2012 y donde trabaja únicamente con una cartulina y un rotulador negro, de manera que pueda obtener dibujos sencillos y de estética apresurada. En ellos incluye sentencias, aforismos o frases cortas en torno al arte y sus consideraciones que finalmente convirtió en libro. Un libro entre la ironía, el absurdo y cierto sarcasmo, una declaración de intenciones. En particular podemos hacer una lectura de su línea de trabajo a través de la

lectura de imágenes que desarrolló para el Museo de Arte Contemporáneo Gas Natural Fenosa (MAC) gracias a la beca de su programa de Residencias Artísticas durante los meses de Mayo y Junio de 2014.

Pero aquí lo que nos ocupa es una serie de monocromos realizada recientemente, los de la figura 1, realizados específicamente para la muestra *Ir donde se supone que no tienes que ir*, en la Sala X de la Facultad de Bellas Artes de Pontevedra (España). Un trabajo que reúne a cuatro artistas para tratar los límites del arte y la noción de imposibilidad desde diferentes técnicas y procesos que van de la pintura al apropiacionismo.

## LA SERIE DE MONOCROMOS

Son cuatro monocromos en forma de texto con colores diferentes en su tipografía que aluden a las categorías pictóricas: el bodegón, el retrato y el paisaje, y el momocromo. La idea principal en palabras del artista “fue realizar piezas que fueran pinturas pero que a la vez no lo fueran, que fueran monocromos pero que a la vez tampoco lo fueran, difuminando por completo el límite entre ambos casos y que, a la vez, el texto y la interpretación que se ofrece de una pintura, algo en principio externo y muchas veces secundario, fuera el material principal para determinar cada una de las piezas”. Un juego entre la imagen y el texto a través de lo indeterminado que no permite discernir lo real de lo que no lo es. Estos son algunos fragmentos que aparecen en los monocromos:

(El bodegón)

Aunque primeramente titulado *Bodegón con patatas*, resulta más exacto titularlo *Bodegón con cantos rodados*. La obra es un óleo sobre lienzo, sin firma y sin fecha con unas medidas aproximadas de 46 x 74 cm. Hoy perdida y olvidada por la historia del arte, no existe imagen que permita estudio alguno y solamente unos pocos documentos parciales atestiguan su realidad. Tampoco podemos probar que no fuese una falsificación, o en todo caso, una extravagancia de la época producida a través de un peculiar encargo realizado por algún religioso poco común que buscaba una espiritualidad superior por medio de lo trivial, un franciscano tal vez, o simplemente *por mor* de un acaudalado caprichoso. [...] *el tercer supuesto, que nos señala a Felipe Ramírez como el autor, un artista de quien no se poseen datos biográficos ni otros testimonios más que las firmas de dos lienzos, uno de ellos un Bodegón perteneciente al Museo del Prado y dos dibujos. En tales obras se aprecia con claridad a un artista educado en el ambiente toledano con una clara relación con Sánchez Cotán. Su calidad como bodegonista resulta brillante a tenor del lienzo Bodegón con cardo, francolín, uvas y lirios, descubierto en el proceso de incautaciones de la Guerra Civil y adquirido para el Museo del Prado en 1940, y que algunos suponen copia de un original perdido de Cotán. Pues bien, en un nuevo ejercicio de suposición, una hipótesis asigna el cuadro a Ramírez como una respuesta a su escasa visibilidad en la época optando por realizar una arriesgada pintura, no en cuanto a composición, por supuesto, pero si en atrevimiento al romper con la categoría clásica de bodegón yendo más allá en el concepto mismo de dicha categoría pictórica. [...]*

(El retrato)

*La escena presenta a un hombre de entre treinta y cinco y cuarenta años sentado a una mesa con gesto pensativo mirando hacia la derecha, la mano izquierda sosteniendo la frente, una pluma en la otra. En la mesa, la presencia de un libro y lo que parece con toda seguridad un sílex por entre una pieza de tela bordada. Detrás, en la pared, una pintura de unas ruinas tal vez griegas enmarcada en dorado y en la esquina izquierda un mueble alto encima del cual vemos un globo terráqueo y cuatro libros apilados unos encima de otros. En este lado es donde se encuentra la ventana, que ilumina la escena febrilmente, dotándola de una atmósfera crepuscular. No es de extrañar que se le atribuyera de inmediato a Vermeer pues existe un paralelismo formal y que en un simple vistazo se aprecia en la ventana de la izquierda y en el mueble, exactamente iguales a los de otras dos pinturas ejecutadas por este artista holandés en 1669: El astrónomo y El Geógrafo (junto con La alcahueta, las únicas firmadas y fechadas del autor, aunque es cierto que se duda de la absoluta autenticidad de la segunda). [...]*

(El paisaje)

*Se trata de un paisaje, se diría que imaginario, con un punto de vista situado a una cierta altura, abarcando una gran extensión de terreno en el que se nos muestra algunos aspectos de la naturaleza: una montaña, un río y una llanura. Luego, una lejana iglesia y aun una más lejana ciudad, se diría que ruinosa aunque no es posible asegurarlo, en un conjunto que trata de expresar algún tipo de síntesis personal. En primer plano abajo a la izquierda, una figura no muy grande, pero que reconocemos como un hombre de espaldas, parece observar con el gesto absorbido y asombrado por un cielo moldeado por nubes de caprichosa distribución de claridad y sombra en el instante en que el sol se desliza entre dos nubes. Pero lo que más llama la atención es un detalle que a simple vista puede pasar inadvertido. Arriba, a la izquierda, en una porción de cielo azulado, un objeto de forma elíptica aparece claramente suspendido en el aire oscuramente azulado o gris. Desde nuestra perspectiva actual podríamos determinarlo como un objeto volador, con todo lo que ello conllevaría, pero no podemos estar seguros de qué interpretación darle. El paisaje, en fin, desprende un penetrante sentimiento de soledad. Algunos incrédulos han apuntado a que este elemento inaudito y flotante pudo ser pintado posteriormente pues no pareció repararse en él hasta que lo adquirió un marchante, pero al no poseer la pintura todo se vuelven vanas conjeturas. [...]*

(El Monocromo)

*[...] “Es una superficie emborronada aparentemente de negro y aunque uniforme en apariencia y en la distancia, está repleta de vibraciones y colores que solamente apreciamos en cuanto nos detenemos y dejamos que el tiempo actúe sobre nuestras retinas. Una vez que nos dejamos llevar comienzan a germinar colores flotando, vibrantes en el espacio, paisajes superpuestos, cielos brillantes, bosques y montañas densas de negros y marrones. La percepción se sostiene en un tiempo contenido y profundo a modo de pictórico palimpsesto. El espacio pictórico desplegado ante nuestros ojos crea una sensación espacial de tensa calma trascendiendo la propia pintura y la propia materia que desaparece en una abstracción pura y libre que nos encamina a algo cercano a la inmensidad; una circunstancia definible por el propio instante de la contemplación; por el aquí y el ahora. La expresión más clara de la eternidad a la que puede acercarse una pintura.” [...]*

Para Vincenzo Trione “el monocromo representa para la pintura al último umbral. Constituye el punto más allá del cual ya no nos es posible continuar, significa el momento en que la obra ya no quiere transmitir el mundo, sino sólo a sí misma. Indica un muro que no es posible traspasar. No existen comentarios posibles. El artista recoge la pureza, en su sencillez, libre de ataduras” (Trione,2004:173). Sin embargo, nosotros vemos en los Monocromos de Rosendo Cid una actitud de resistencia. No estamos ante un icono sin iconografía, sin rostro ni identidad, aquí la ausencia de la imagen se vuelve contenido y significación en un juego sarcástico y autorreferencial.

## **EL BODEGÓN Y LA NATURALEZA MUERTA DE LA IMAGEN CONTEMPORÁNEA**

No cabe duda de la autorreferencialidad en los monocromos de Rosendo Cid cuando las categorías pictóricas son los contenidos tratados en esta serie, sin embargo todavía nos parece más interesante el sarcasmo con el que se juega y especialmente la presencia de la temática del bodegón. Éste fue un tipo pictórico genuinamente español, en el resto de occidente se lo conocía por naturaleza muerta. Con él se hacía mención a aquellas composiciones pictóricas donde objetos, frutas, animales y flores eran los protagonistas. En la clasificación que Francisco Pacheco, el maestro suegro de Diego Velázquez, realizaba en *El arte la pintura* (1649) aparecía con la peor de las consideraciones siendo el cuadro de historia, por influencia italiana, el rey. Esta situación del siglo de oro español se ha transformado. Porque ¿acaso no degustamos con la mirada las imágenes posdigitales que hoy produce la sociedad del espectáculo, la industria cultural?, ¿acaso estas imágenes no son naturalezas muertas, bodegones a la vieja usanza, que se nos ponen encima de la mesa para ser degustados con la mirada? La visión del alimento dispuesto para el comensal, es una de las posibilidades de bodegón (Aterido,2002:56). Para los artistas, pese a a que fue un género menor, supuso un campo abierto a la fantasía, y del éxito de la fórmula se pueden establecer paralelismos con la actualidad en la abundancia de este tipo de imágenes llevadas a todos los géneros, producidas en una estandarización de medidas y formatos que rellenan nuestros vacíos que esta vez no son las estancias del hogar sino las de nuestros deseos. Sin embargo no está presente en nuestras imágenes contemporáneas el subgénero que conocemos como vanitas, un tipo de bodegón cuya finalidad es el recuerdo y reflexión sobre la condición mortal del hombre porque el hombre y la mujer contemporáneos siempre serán jóvenes. Sin embargo pocas veces sospechamos que detrás de nuestras imágenes pomposas y perfectas aparecen objetos sin vida objetos que contradictoriamente nos distinguen socialmente y nos identifican con la fama y la fortuna como en el pasado lo hacía el bodegón.

La pintura expandida a cuestionado esta realidad. Sam Taylor-Wood en *Still life* (2011), nos propone en un video de 3´44 minutos una reflexión sobre la caducidad de las cosas. Recupera el género del bodegón y recrea una naturaleza muerta al estilo caravaggio



pero esta vez con un elemento contemporáneo, un bolígrafo. El video proyectado como un time-lapse deja ver la tiranía del paso del tiempo. Still life nos desvela un proceso lento para la vista pero tan fugaz como la vida. (Fariña, 2010:404).

## CONCLUSIONES

El monocromo-bodegón de Rosendo Cid nos ha servido como puente para retomar la cuestión del vacío de la imagen contemporánea y la problemática de la apariencia, en lo que entendemos podría mapearse como una geografía de naturalezas muertas. Una obra que trabaja el desdoblamiento de la imagen, una temática del negativo que no consiste simplemente en la negación de la obra, sino en que en dicha negación pase de ser nada a convertirse en algo (Meana,2014:184); en este caso como una irónica crítica autorreferencial de la imagen y sus géneros.

“La cultura artística y su espacio funcionan de hecho, según las leyes de la sociedad del espectáculo y el consumo, como una especie de disneylandia, un espacio en el que todo es intercambiable, posible, y en el que todas las ficciones se puede materializar y, donde antes todo era simulación nostálgica, hoy se vuelve difícil el distinguir entre lo verdadero o lo falso. [...] Así, el resultado de esta especie de disneylandia es frecuentemente lo que se ve, una especie de anestesia provocada por la idea adquirida del políticamente correcto pluralismo estético que consigue que todo sea admitido aunque pase de lado indiferente sin interés o sin ningún esfuerzo de comprensión”. (Sabino,2000:130).

## REFERENCIAS

ATERIDO, Ángel. **El bodegón en la España del siglo de oro**; España: Edilupa Ediciones, 2002. ISBN: 84-932571-5-X

ROSE, Barbara. **Monocromos de Malevich al presente**. Madrid: MNCARS, 2004. ISBN: 84-8026-232-X

FERNÁNDEZ FARIÑA, Almudena. **Lo que la pintura no es**; Vigo: Diputación de Pontevedra, 2010. ISBN: 978-84-8457-356-2

SABINO, Isabel. **A pintura depois da Pintura**, Lisboa: Universidad de Lisboa, 2000. ISBN: 158-967-00

MEANA, Juan Carlos. **Custodia del vacío: la negación de la imagen en la obra de Irma Álvarez Laviada**. Lisboa: Revista: Estúdio, Artistas Sobre Outras Obras, 2014. ISSN 1647-6158 Vol.5 (9): 179-189

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Análise narrativa 2, 3, 4, 6, 9

Archivos 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25

Arqueología social 39

Arte 1, 13, 14, 16, 23, 34, 35, 37, 39, 44, 70, 105, 108, 114, 145, 149, 151, 154

Autoria feminina 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81

### B

Bíblia 1, 2, 4, 5, 6, 7, 9, 10

Bodegón 33, 34, 35, 37, 38

Bruselas 39, 42

### C

Canção 71, 72, 73, 77, 79, 81

Ciudad 19, 21, 23, 24, 36, 39, 40, 42, 43, 44

Comunidade 14, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 58, 59, 60, 121, 141

Crianças 30, 48, 62, 63, 64, 65, 66, 69, 70, 91, 92, 93, 95, 96, 97, 100, 102, 103, 107, 114, 141, 150

Cultura 1, 9, 13, 20, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 38, 50, 59, 60, 77, 80, 81, 87, 88, 89, 97, 108, 109, 112, 138, 139, 140, 141, 144, 145, 149, 151, 152, 154

### D

Direito 64, 69, 91, 92, 97, 98, 99, 102, 103, 104

Documentos históricos 17, 19, 25

### E

Estampilla postal 17, 24

Estudos culturais 71, 76, 154

Exegese bíblica 2, 9

### F

Filatelia 17, 18, 22, 23, 25

### G

Gênero 47, 67, 69, 71, 76, 77, 80, 120, 121, 139, 148, 154

### I

Identidade 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 51, 52, 58, 72, 87, 99, 138, 139, 140, 144

Indústria cultural 82, 84, 86, 87, 88, 89

Infantojuvenil 61, 62, 63, 64, 65, 69

## L

Leitura literária 61, 64, 65, 86

Liberdade 9, 32, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 99

Línguas em contato 45, 49

Literatura 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 26, 27, 32, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 69, 70, 85, 86, 87, 90, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 138

Literatura infantil 61, 62, 63, 64, 65, 69, 70, 119

Livro didático 82, 86, 87

## M

Memoria 18, 19, 21, 25, 26, 27, 30, 32, 39, 40, 41, 43

Metilfenidato 91, 93, 96, 97, 100, 102, 103

Monocromo 33, 34, 36, 37, 38

Morfossintaxe 45, 53

Música erudita brasileira 13, 15, 16

## N

Narrativas bíblicas 1, 2, 3, 4, 5, 7

Negación 33, 38, 39

## P

Porto 34, 39, 40, 41, 49, 114, 115

Português afro-indígena 52, 53, 59, 60

Português Afro-Indígena 45, 46, 47, 52, 53, 58

## R

Resistência 26, 31, 32, 62, 70, 102, 145

Ritalina 91, 96, 97, 100, 103

Roteiros cinematográficos 1, 2, 4, 5, 6, 7, 9, 10

## S

Siricari-PA 45, 46, 47, 56

## T


Tarjeta postal 17, 19, 25


TDAH 91, 93, 94, 95, 96, 97, 100, 101, 102, 104


Texto literário 82, 85, 86


## V

Vodu 26, 30, 31, 32

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

A arte

e a

cultura

e a

formação humana

2

 **Atena**  
Editora

Ano 2022

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

A arte

e a

cultura

e a

formação humana

2

 **Atena**  
Editora

Ano 2022